

ESPECIAL MURICY RAMALHO

ESPORTE

COLECIONADOR DE TÍTULOS
PAIXÃO DE BERÇO
LINHA DO TEMPO



ISSN 2176-3143



NOV/2012



Viagem dos sonhos!

**Compre seu pacote para
Londres com a CVC.**

Para quem gosta de conhecer bons lugares em boa companhia.

Uma das mais importantes portas de entrada para a Europa, Londres se define como destino do mundo. Agito, cultura e desenvolvimento compõem o cenário perfeito para viagens inesquecíveis

Pague em até 10x sem juros.

www.cvc.com.br

DE FRENTE COM O MURICY

Acompanho a carreira do técnico Muricy Ramalho de perto há quase seis anos. Neste período, apenas de 2006 pra cá, foram sete títulos conquistados. Momentos marcantes como o Hexacampeonato Brasileiro do São Paulo, o terceiro título seguido de Muricy na equipe. Ou o Tricampeonato da Libertadores do Santos, quando o treinador comemorou de mãos dadas com Pelé, o Rei do Futebol, sua conquista inédita. Quando entrevistei o Muricy no Palmeiras, em 2009, ele me desejou boa sorte na carreira de jornalismo e não imaginava que teria seu apoio neste último ano da faculdade, ao ter autorizado o projeto desta revista. Entrevistamos o treinador, no Centro de Treinamento do Santos, para lembrar e esclarecer alguns fatos de sua carreira. Mas para nos aprofundarmos mesmo em sua história conversamos com pessoas que conviveram com ele em diferentes épocas e clubes. Após meses de dedicação, este é o resultado final. Boa leitura!

Vanessa Rodrigues

Já conhecia o trabalho do Muricy devido à seus recentes títulos. Tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente no Santos, em um dia de treinamento. Lembro que quando fomos pegar sua autorização para ser feito o projeto da revista, o Santos havia perdido o clássico contra o São Paulo e achava que o treinador poderia estar bravo devido ao resultado. Conversamos com ele após o jogo, quando saiu de sua coletiva de imprensa, ainda no estádio do Morumbi. Só havia o encontrado uma vez anteriormente, mesmo assim Muricy foi muito amigável, perguntou como estava minha família, se estava indo tudo bem com o trabalho. Nem parecia que havia acabado de sair de uma derrota. Durante a entrevista que fiz com ele para o trabalho também demonstrou ser muito calmo. Diferente do que imaginava devido ao que vemos pela televisão, que o técnico discute com jornalistas, é rabugento.

Leilane Martins

Falar do Muricy exigiu muita pesquisa. Sua passagem pelo Internacional não há muito registro, assim como no Náutico. Dois momentos muito importantes para seu crescimento profissional. No São Paulo, Muricy ficou conhecido pelos torcedores paulistas e fez história com o Tricampeonato Brasileiro, porém seu auge mesmo aconteceu recentemente no Santos. A Copa Libertadores é o título que faltava para o treinador se consagrar. Todos seus amigos torciam por isso. Durante sua entrevista, Muricy revelou ter ficado nervoso diante da partida decisiva. Foi uma conquista muito esperada pelo treinador. Comemorada em grande estilo também. Por isso a escolhemos entre tantas para ser destacada. Mesmo não sendo seu título mais recente, é um dos mais especiais de sua carreira. Um momento emocionante!

Jaqueline Lima

ESPN
REVISTA

EDITOR-CHEFE:
FRANCISCO BICUDO

JORNALISTAS:
JAQUELINE LIMA, LEILANE MARTINS E
VANESSA RODRIGUES

ENTREVISTADOS:
MAURO BETING, MAURO CÉSAR PEREIRA,
BENJAMIN BACK, ODIR CUNHA, FABIO
MARADEI, FABIO FINELLI, JOSÉ EVARISTO
LOBOS, SERGINHO CHULAPA, PARRARO
COLTRI, JOSÉ TEIXEIRA, EMERSON LEÃO,
CARLOS AUGUSTO DE BARROS, DENÍLSON,
SOMÁLIA, AROUCA, MARIO FELIPE PERES,
MARCIO RIVELLINO, ROSELI RAMALHO,
MURICY RAMALHO

FOTOS:
ARQUIVO DO SÃO PAULO, DIVULGAÇÃO
SANTOS FC, IVAN STORTI, JAQUELINE
LIMA, VANESSA RODRIGUES

FOTO DA CAPA:
Divulgação Santos FC

APOIO:
CRISTINA FERREIRA, FELIPE VIEIRA,
WALKIRIA CUBA, ANTONIO DIVINO,
VALÉRIA RODRIGUES, LUIS SEVERINO,
MARIA LIMA, PAULA LIMA, GIAN ODDI,
MICHAEL SERRA

DIAGRAMAÇÃO:
WAGNER LUCIO

UNIVERSIDADE
ANHEMBI MORUMBI



MURICY RAMALHO



MAURO BETING



DENÍLSON



JOSÉ TEIXEIRA



MARCIO RIVELLINO

Jaqueline Lima

NOS OUTROS CANAIS,
VOCÊ VÊ VITÓRIAS.
NA ESPN, VOCÊ VÊ HISTÓRIA.

ESPN ESPN+
BRASIL

CONTEÚDO

NOVEMBRO 2012

1

MURICY RAMALHO: COLECIONADOR DE TÍTULOS

Diversos clubes
Muitas histórias
Momentos difíceis
Feitos inéditos
E é claro, muitos títulos!

2

PAIXÃO DE BERÇO

A paixão pela bola
Cabelos compridos
Um craque nos anos 70
Sua passagem pela Seleção Brasileira
E pelo futebol mexicano
Nascia um campeão.



MURICY RAMALHO: COLECCIONADOR DE TÍTULOS

POR VANESSA RODRIGUES,
LEILANE MARTINS E
JAQUELINE LIMA.

Muricy desabafa e diz que tirou um peso das costas



Jornal Agora 23/06/11



Jornal da Tarde 16/05/11

O mentor do título

Jornal Diário de S. Paulo 16/05/11



CONTRA NÚMEROS NÃO HÁ ARGUMENTO. MURICY RAMALHO É O TÉCNICO MAIS VITORIOSO DO FUTEBOL BRASILEIRO NOS ÚLTIMOS ANOS. EM MENOS DE DOIS ANOS NO SANTOS, O TREINADOR CONQUISTOU QUATRO TÍTULOS: DOIS CAMPEONATOS PAULISTAS, A TÃO ALMEJADA COPA LIBERTADORES E A RECOPA SUL-AMERICANA.

QUEM DISSE QUE NÃO VALE?

Mais que valorizado

Muricy festeja a quarta conquista no comando dos Meninos da Vila

Jornal Marca Brasil 27/09/12

quem trabalha. Por isso, ele foi um dos que mais valorizou a

“**Vivemos de títulos. Estou aqui há um ano e meio e já ganhei quatro. Este foi contra um adversário fortíssimo**”
Muricy Ramalho

conquista de ontem.

“Vivemos de títulos. Estou aqui há um ano e meio e já ganhei quatro títulos. Este foi contra um adversário fortíssimo, que joga rápido, estava em

nador, que não conseguiu segurar o palavrão.

Após se secar com cara de poucos amigos, Muricy disse que não via problema na brincadeira. “Por isso que eu já saio logo do campo. Esse negócio de jogar para cima não dá mais, porque tenho problema na coluna. Mas eles sempre fazem isso. É legal. Enquanto estão ganhando está tudo bem”, comentou o treinador.

Para Muricy, seu time ainda oscila muito, mas mesmo com esses problemas foi merecedor do título. “Foi um grande jogo. Também fizemos outros bons jogos no Brasileiro, mas estamos em reformulação e oscilamos demais.”



MURICY RAMALHO lembra que rival era líder do ranking da Conmebol

Conservador em roupas, estratégias e atitude, Muricy conquista a Libertadores, título que faltava em seu currículo e o 1º relevante em mata-matas

Jornal Folha de S. Paulo 23/06/11

completo



Uma cena que emocionou. Quarta-feira, 22 de junho de 2011, véspera do feriado de Corpus Christi. Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, lotado. De mãos dadas com Edson Arantes do Nascimento, o Rei Pelé, Muricy Ramalho dá a volta no gramado para comemorar uma conquista inédita em sua carreira. Talvez seu título mais desejado. Com certeza o mais esperado. Era um sonho antigo que se realizava.

Naquela noite, depois de ver seus comandados do Santos derrotarem a equipe do Peñarol por 2 a 1, com gols de Neymar e de Danilo (Durval faria contra, para os uruguaios), Muricy finalmente conseguiu alcançar o título que faltava em seu currículo, em sua sexta participação na competição - a Copa Libertadores da América. Um abraço inesperado daquele que Muricy encontrou quando era ainda criança valeu mais do que qualquer medalha: "Toda vez que encontro com o Pelé sinto uma coisa diferente, porque ele é o mito mesmo. É uma coisa absurda o carisma que ele tem", exalta o treinador.

A admiração pelo ídolo é antiga. Quando garoto, Muricy jogou no São Paulo, por isso conhecia muito bem o Estádio do Morumbi. Para evitar tumultos, quando Pelé ia jogar



Muricy e Pelé comemoram a conquista da Copa Libertadores no Pacaembu

Ivan Storti

treinador, que recebeu o apoio de Pelé antes da grande final contra o Peñarol. "Quando ele veio na semana da decisão foi muito legal, os jogadores ficaram muito contentes. Ele deu muita força".

o Corinthians por 2 a 1. No ano seguinte, a passagem de Muricy pelo Alvinegro Praiano também ficaria marcada, pela conquista do bi estadual, em maio de 2012, com a vitória sobre o Guarani por 4 a 2, e da Recopa Sul Americana, em setembro, vencendo por 2 a 0 o Universidad do Chile. Os dois títulos foram comemorados no ano em que o Santos completou 100 anos. O contrato do técnico com o clube já foi renovado - vai até o final de 2013. E para a próxima temporada, depois do fraco desempenho no Brasileirão de 2012, a diretoria do Santos prometeu a Muricy a formação novamente de um esquadrão - para continuar brigando por títulos.

Durante sua carreira, nem sempre Muricy contou com grandes craques em suas equipes. Mesmo assim alcançou muitos feitos em clubes que ninguém acreditava. Foi assim

quando venceu seu primeiro título na carreira. Nos anos 90, Muricy começava sua trajetória treinando garotos das categorias de base do São Paulo. Em 1994, foi chamado então para comandar o time de juniores do São Paulo, conhecido como Expressinho. Na época, era Telê Santana quem comandava a equipe principal. Em seu elenco, Muricy contava com alguns nomes que hoje são bem conhecidos no meio futebolístico. Como Rogério Ceni, goleiro titular do São Paulo e os atuais comentaristas de televisão, Caio Ribeiro e Denílson.

O time não tinha grandes craques, mas possuía conjunto, o que muitas vezes acaba sendo mais importante, conforme explica o técnico Emerson Leão: "Às vezes você consegue uma equipe melhor sem bons jogadores, mas com bons coadjuvantes. Sempre digo que coadjuvante também ganha Oscar e não só estrela. Algumas vezes grandes jogadores não combinam, não dão proximidade".

No elenco principal, o cenário era outro e o São Paulo contava com craques como Muller, Palhinha e Zetti, o elenco que venceu a Libertadores em 93. Para o time não ficar de fora da Copa Conmebol, Muricy comandaria os garotos.

"O Expressinho era só mais uma equipe que estava ali para cobrir uma competição, aquele time foi montado para isso", lembra o ex-jogador e agora comentarista da TV Bandeirantes, Denílson.

Foi uma competição disputadíssima. Na semifinal, o Tricolor enfrentou o Corinthians e conseguiu a classificação na decisão por pênaltis pelo placar apertado de 5 a 4. Na primeira final decisiva, o Expressinho do São Paulo enfrentou o Peñarol do Uruguai, no estádio do Morumbi, em uma partida de muitos gols. "Foi uma conquista brilhante, uma das maiores atuações da história do São Paulo, que fez 6 a 1 diante do Peñarol",

recorda o jornalista e comentarista do canal de televisão Esporte Interativo, Mauro Beting. No segundo jogo, em Montevideu, o Tricolor sofreu com a pressão dos uruguaios, que marcaram três gols. O difícil título havia sido garantido com a goleada do primeiro jogo e Muricy comemorou sua primeira conquista na carreira, um momento marcante para o treinador.

"O primeiro título a gente não esquece. Quando vamos medir a competência de alguém, em qualquer profissão, é através das conquistas e ganhar um título é super difícil. Eu era muito jovem, não esqueço até hoje deste título".

Para o ex-craque, Denílson, foi um título especial devido à desconfiança que tinham nos garotos: "Foi maravilhoso porque ninguém esperava, era uma equipe jovem e o bom relacionamento que tínhamos fez a gente ganhar a Copa Conmebol".

Para conseguir o máximo rendimento e dedicação de seus atletas, Muricy conversava muito com os garotos e tinha um relacionamento além dos gramados.

"O Muricy sempre foi muito aberto ao diálogo, à conversa, às brincadeiras e um dos motivos de termos ganhado a Conmebol foi justamente esse. Ele era o treinador, mas acima de tudo um amigo", afirma Denílson.

Após o título, Muricy continuou no Tricolor Paulista, como auxiliar do técnico Telê Santana. Até hoje é visto como um discípulo do Mestre (apelido carinhoso de Telê), com quem aprendeu muito em seu início de carreira.

"Eu tinha uma ideia de como é a profissão de treinador e quando encontrei o Telê mudei muito, porque ele tem uma visão diferente do mundo, como pessoa, como técnico e como jogador, já que também jogou. Quando trabalhei com o Parreira também aprendi muito, é outra pessoa que me fez pensar diferente no futebol e também na vida", recorda Muricy.

Muricy tem a chance de conquistar o seu 1º título

Do enviado a Porto Alegre

O técnico Muricy Ramalho ainda não iniciou de fato na carreira de treinador e está na iminência de conquistar seu primeiro título internacional profissional.

Tornou-se assistente de Telê Santana pela afinidade de idéias sobre futebol e pelo desempenho no comando da equipe de juniores na Copa São Paulo deste ano e do time principal no início do Paulista —Telê prolongou suas férias.

Até o início de 1993, era apenas técnico do mirim do São Paulo (crianças de 11 e 12 anos).

Na Copa São Paulo do mesmo ano, observou os futuros adversários e contava o que via para o técnico Márcio Araújo.

Em abril, foi dirigir os juniores no torneio de Croix, na França —Araújo ficou para comandar os aspirantes do clube. Voltou campeão. Dias depois, Araújo saiu do clube e ele assumiu.

Na Copa São Paulo deste ano, perdeu o título nos pênaltis para o Guarani, após seu time ter feito a melhor campanha.

Abaixo, trechos da entrevista à Folha concedida anteontem à noite por Muricy. (Marcelo Damato)

Folha - O São Paulo pode perder por quatro gols de diferença contra o Peñarol. Esta é a final dos sonhos?

Muricy - É uma boa vantagem. Mas temos que jogar sério para evitar surpresas.

Folha - O que significaria esse título para você?

Muricy - Seria muito importante. Seria meu primeiro título profissional. Além disso, muita gente não acreditava na gente.

Folha - E para o São Paulo?

Muricy - Primeiro é um título inédito para o clube. Depois, é a consagração do "Expressinho".

Folha - Como você orienta os jogadores?

Muricy - Desde o começo, disse a eles que esta era a chance de aparecerem, se valorizarem. Eles entenderam.

Em entrevista para o jornal Folha de São Paulo, Muricy fala sobre a expectativa de vencer a Copa Conmebol 21/12/94

Quando Telê se aposentou, em 1996, devido à problemas de saúde, Muricy assumiu o time principal, mas ficou no cargo menos de seis meses. Carlos Alberto Parreira foi contratado para assumir seu lugar, após a fraca campanha da equipe no Campeonato Paulista. Porém, após uma série de maus resultados, o técnico acabou sendo demitido. O clube buscava então outro nome experiente para assumir o time e Muricy novamente ficaria como auxiliar, o que o fez decidir que era o momento de buscar novos desafios em sua carreira.

Após um ano apagado no Guarani, de Campinas, o treinador acertou com um clube da China, o Shanghai Shenhua. Neste período Muricy se mudou e levou sua mulher e o filho mais novo, tendo que deixar os dois filhos maiores, que estavam estudando, no Brasil.

“Nós tivemos que passar por várias mudanças, devido às trocas de times do Muricy. Quando fomos para a China, levamos o Fabio, que na época tinha três anos, mas tivemos que deixar a Fabíola e o Muricy Júnior aqui. Foi muito duro”, conta a esposa do treinador, Roseli. Mesmo com todas as dificuldades de se adaptar a um novo país e a uma cultura totalmente diferente, Muricy conseguiu conquistar os chineses. Ficou no clube até o final da temporada e venceu a Copa da China de 98.

Quando retornou ao Brasil, o treinador passou por times do interior de São Paulo, como Ituano e Botafogo, além da Portuguesa Santista. Em 2001, surgiu então a oportunidade de comandar o Náutico, de Pernambuco. Foi quando o treinador começou a trabalhar com o empresário que mantém até hoje, Márcio Rivellino.

“Quando conheci o Muricy ele estava sem clube. Foi coisa de Deus mesmo. Ele na minha frente, na minha sala e meu telefone tocou.

“PARA ELE TUDO FOI SEMPRE MUITO DIFÍCIL, PORQUE ELE NÃO ACEITA COISA ERRADA. É UM CARA EXTREMAMENTE SÉRIO, QUE NÃO ACEITA INTERFERÊNCIA NO TRABALHO DELE”

MARCIO RIVELLINO

Era um diretor do Náutico me pedindo um treinador”, conta Rivellino.

Nesta época, o clube pernambucano vivia um momento muito complicado: “O Náutico não tinha estrutura nenhuma. Jogadores não recebiam em dia, recebiam pouco. Mas as pessoas eram boas, precisavam da minha ajuda. Estavam há muitos anos sem ganhar títulos”, recorda Muricy.

Seu empresário, que atualmente é também um grande amigo do técnico o conhece bem e descreve um pouco da personalidade do treinador: “Para ele tudo foi sempre muito difícil, porque ele não aceita coisa errada. É um cara extremamente sério, que não aceita interferência no trabalho dele”.

Em 2001, Muricy conquistou com o Náutico o Campeonato Pernambucano, evitando o hexa do maior rival da equipe, Sport. Era o ano do centenário do clube que estava há 11 anos sem títulos. No ano seguinte, o treinador conquistou o bi do estadual. Por isso até hoje Muricy é lembrado e recebido com muito carinho pela torcida do time.

O mesmo respeito por Muricy pode ser constatado em Porto Alegre – ao menos na parte vermelha da cidade. “Até hoje a torcida bate palmas para ele no Beira Rio. O Muricy se identificou muito com o Inter, a porta estará sempre aberta para ele voltar”, conta José Evaristo Villalobos, conhecido como Nobrinho, assessor de imprensa na época em que o treinador trabalhou no Colorado.

Muricy comandou o Internacional pela primeira vez quando o clube vivia um momento difícil em relação à estrutura, em 2003. Sua chegada aconteceu de forma curiosa. Estava tudo acertado com o clube e o treinador viajou então para o Rio Grande do Sul. Ao desembarcar, Muricy ligou para seu empresário.

“Eu estava em casa, o Muricy liga e me fala: Cadê os caras? Estou aqui no aeroporto com o Táta e ninguém veio nos receber. Eu falei, espera um pouquinho, Muricy. Liguei para o diretor do Inter e disse: o Muricy já chegou, está esperando. E ele: Manda pegar um táxi, estamos na galeteria (churrascaria). Eu: Mas e o hotel? Ele: Ah, depois a gente se vira... Você imagina, lá vai o Muricy com duas malonas encontrar os caras”.

Já em sua segunda passagem pelo clube, em 2005, a situação havia mudado bastante: “Na nossa volta tinha chofer particular para nos pegar, nos levaram até o presidente que queria nossa volta de qualquer jeito”, conta seu empresário.

No Inter, Muricy venceu dois campeonatos gaúchos, em 2003 e 2005. Entre uma passagem e outra pelo time, o treinador passaria ainda pelo São Caetano, em 2004. No time paulista, fez uma campanha incrível no estadual e venceu o Campeonato Paulista. Em 15 partidas disputadas, foram oito vitórias, cinco empates e apenas uma derrota.

“Era um momento único, em que poderíamos

VIPOCOMM



Ainda no São Paulo, Muricy conversa com seus companheiros da comissão técnica

entrar para a história do São Caetano. Com a chegada dele tivemos mais confiança e acreditamos na conquista, que foi muito importante para nós”, conta Somália, um dos principais jogadores na campanha. Segundo o jogador, Muricy conversa muito com seus atletas: “Ele sempre foi um cara muito amigo. Chamava cada atleta para perguntar se a família vai bem. Isso é muito importante. É um cara profissional, mas acima de tudo é amigo”. Até hoje Muricy procura manter seu lado “paizão” e apesar de demonstrar ser durão, disciplinador, a visão passada pelos atletas é a de um Muricy paciente e compreensivo.

“Minha relação com os jogadores hoje é como na época do Denílson (no Expressinho). Com o Neymar, por exemplo, é o mesmo tratamento. De treinador para jogador na hora que tem que ser e de pessoa para pessoa também. Procuo tratá-los bem e orientá-los em alguns momentos, não o tempo todo. Tem que ter liberdade e distância também. Nossa rotina é muito dura e é como se fossemos uma família. Convivemos juntos diariamente não só dentro de campo, mas em hotéis, aeroportos, na concentração. Então temos uma relação de amizade e até de pai às vezes”, conta o treinador. Mantendo um relacionamento agradável com

seus atletas, Muricy consegue fazer com que o grupo fique unido pelo objetivo maior do time: as conquistas. Foi assim em 2008, quando o São Paulo chegou a ficar 11 pontos atrás do líder do Campeonato Brasileiro. Nesse momento o terceiro título nacional consecutivo havia se tornado quase impossível. Após um empate com o Atlético Mineiro por 1 a 1, no Morumbi, o treinador e o elenco tiveram uma conversa, no Centro de Treinamento, que mudou a trajetória do time naquele campeonato. Márcio Rivellino, empresário do técnico, conta que: “Nesse último ano com o São Paulo, com 11 pontos atrás, uma desconfiança que já existia no trabalho dele, a diretoria já o largou

quase que só e após o jogo contra o Atlético Mineiro, no Morumbi, ele me falou: Sou bom ganhando, só que sou melhor perdendo e eu vou ganhar isso aí". Depois desse momento crucial, o time seguiu 18 rodadas sem perder e conquistou o inédito hexacampeonato nacional.

Essa sequência de três campeonatos brasileiros seguidos começou em 2006, com o retorno do treinador ao clube. Após adquirir experiência na profissão, Muricy finalmente seria contratado para ser o treinador do time onde começou sua carreira. Nesse ano o tricolor foi vice-campeão da Copa Libertadores da América, perdendo para o Internacional, de Porto Alegre, time que começou a ser montado por Muricy no ano anterior.

No Campeonato Brasileiro, o Tricolor Paulista era o líder, apesar de disputar em paralelo a Libertadores, tendo assim que poupar o time principal em algumas partidas. Com uma campanha impressionante e quatro meses na liderança, o título foi garantido com folga, na

36ª rodada, após o empate por 1 a 1 com o Atlético Paranaense, no estádio do Morumbi.

No ano seguinte alguns jogadores importantes, como Mineiro e Josué, saíram do clube. Uma das principais críticas feitas ao trabalho de Muricy naquela temporada foi em relação à eliminação considerada precoce nas oitavas de final da Copa Libertadores, para o Grêmio. Alguns membros da diretoria insatisfeitos com o trabalho do técnico chegaram a pedir sua demissão, mas o presidente Juvenal Juvêncio "bancou" a permanência do treinador no clube.

"Criei se uma lenda de que eu era um dos que queriam a saída do Muricy do São Paulo. Não era exatamente assim. Fui um crítico do Muricy num momento pontual. Entendendo que ele teria agido de maneira equivocada no jogo contra o Grêmio. Alguém que é amante do futebol pode fazer uma discussão, mas neste caso era em relação a um funcionário do clube", afirma o atual vice-presidente do clube, Carlos Augusto de Barros, conhecido

como Leco, que na época era diretor de futebol.

Para passar por estes momentos decisivos e cruciais, como foi naquele ano, Muricy ressalta a importância de ter o controle do time: "A disciplina é fundamental, você não pode abrir mão. Outra coisa é você estar preparado para fazer, por exemplo, trinta pessoas diferentes pensarem em um único objetivo, que é o mais difícil, porque os jogadores pensam totalmente diferente um do outro".

Superadas as turbulências, o Campeonato Brasileiro, como no ano anterior, foi conquistado com algumas rodadas de antecedência. O trabalho do treinador voltou a ser valorizado, principalmente por conseguir garantir o apoio e o respaldo dos jogadores. Nessa campanha, o time ficou 16 jogos sem perder.

Com a conquista do segundo título nacional consecutivo, a expectativa pela Libertadores de 2008 era grande, mas como aconteceu nos outros anos o time foi eliminado por um clube

"GANHAR TRÊS TÍTULOS EM UM TIME GRANDE É MUITO DIFÍCIL PORQUE EXISTEM MOMENTOS QUE VOCÊ OSCILA UM POUCO O TRABALHO, A EQUIPE NÃO GANHA. NESTES MOMENTOS, TEM PROBLEMAS INTERNOS, SEMPRE TEM ALGUÉM QUE NÃO ESTÁ SATISFEITO, AI É COMPLICADÍSSIMO"

MURICY RAMALHO

brasileiro. Com um gol no último minuto, o Fluminense eliminou o Tricolor Paulista da competição, nas quartas de final.

Depois da eliminação o time ficou desacreditado, dirigentes tentaram novamente derrubar o treinador e o presidente mais uma vez assegurou sua permanência no clube.

No Brasileirão, o São Paulo começou mal, estava longe das primeiras colocações e teve que correr atrás dos pontos perdidos no início do campeonato. Mas ao final da competição, o enredo seria de sucesso mais uma vez. O hexacampeonato do time, o terceiro título seguido de Muricy, foi conquistado em Brasília, com uma vitória por 1 a 0 sobre o Goiás. Na comemoração, o treinador se emocionou, pois foi outro ano complicado.

"Ganhar três títulos em um time grande é muito difícil porque existem momentos que você oscila um pouco o trabalho, a equipe não ganha. Nestes momentos, tem problemas internos, sempre tem alguém que não está satisfeito, ai é complicadíssimo".

Na Libertadores do ano seguinte, nova frustração. O Cruzeiro eliminou o São Paulo dentro do Morumbi com o resultado de 2 a 0, nas quartas de final. Parte da torcida e da diretoria colocou a culpa no Muricy e já pediam a sua saída. O time já estava desgastado e após a eliminação sua demissão foi inevitável.

Segundo Leco: "A saída dele (Muricy) foi deliberada e decidida pelo presidente Juvenal Juvêncio, foi uma reunião rápida, uma reunião amena para a intensidade da situação, ele foi muito educado, não teve problema nenhum, ele entendeu, enfim isso faz parte da dinâmica do futebol".

O empresário do treinador, Márcio Rivelino, lembrou a situação e contou que as coisas aconteceram de outra forma: "Fiquei extremamente decepcionado com a forma como ele foi tratado, não merecia aquilo,

não merecia ter uma câmera ali (na saída do vestiário) já esperando para cortar a cabeça dele. Por tudo o que ele fez por aquele clube, o carinho que ele dedicou, o amor que ele tem pelo clube e cortaram a cabeça dele daquele jeito, já tendo outro treinador contratado no dia seguinte".

O empresário se refere a um jornalista de televisão que esperava pela saída do treinador na porta do vestiário para questionar sobre sua provável demissão.

Para o volante Arouca, então no São Paulo e atualmente no Santos, Muricy foi demitido devido à eliminação na Libertadores: "O time vinha de três Brasileiros consecutivos, era muito cobrado para vencer novamente a Libertadores, que é a competição que a torcida mais gosta, mas acabamos eliminados nas quartas de final, contra o Cruzeiro. Ele acabou saindo depois desse resultado, depois de três anos de clube e de muitos títulos".

Além dos títulos que conquistou na equipe do Morumbi, Muricy se destacou por revelar novos jogadores para o cenário nacional, como os zagueiros Alex Silva e Breno, e os volantes Jean e Hernanes. "Acho que em todos os clubes que passei o legado são os jogadores que eu formei, que os clubes usaram e depois venderam", conta Muricy.

Sua identificação com o time que o revelou é notável: "As crianças ficaram bem mais ligadas no pai em relação ao futebol quando ele estava no São Paulo. Até porque foram três títulos seguidos. Foi marcante para mim também quando ele me homenageou em sua primeira conquista no clube", revela a esposa do técnico, Roseli.

Ainda em 2009, o treinador assumiu o Palmeiras. "Meu primeiro jogo com ele foi em Recife, contra o Sport, pelo Campeonato Brasileiro. Como o time viaja antes, as vezes subimos na cobertura do hotel pra comer



Muricy em sua sala no Centro de Treinamento do Palmeiras

um petisco, tomar uma cerveja. Ele tava lá, me chamou para sentar, começamos a conversar e a partir dali começamos a ter uma relação muito legal, não só de trabalho mas de amizade também", conta o assessor de imprensa do Palmeiras, Fabio Finelli.

Mesmo vindo de um clube rival, Muricy conseguiu conquistar a simpatia da torcida Alviverde. Seu pai, Mário Ramalho, era torcedor do time: "A torcida sabia desse passado do pai dele, o Muricy frequentava o futebol de salão com o Ademir da Guia, essas coisas ajudaram ele um pouco", conta Finelli.

"Meu pai era o único palmeirense na família e quando eu era garoto ele me levava para assistir aos jogos. Também joguei no futebol de salão do Palmeiras, então tenho simpatia pelo time, pois meu pai era muito palmeirense", conta o treinador.

Quando Muricy assumiu o Palmeiras, o time estava brigando pelo título do Campeonato Brasileiro. O técnico fez alguns bons jogos no comando do clube, conseguiu resultados importantes. Mas depois de algumas rodadas,



Muricy durante um treinamento do São Paulo

o rendimento não era o mesmo e as chances de título diminuíram. O Palmeiras brigava então por uma vaga na Libertadores e a pressão por resultados só aumentava. Começaram a surgir críticas sobre a forma como Muricy escalava a equipe. A crise política vivida pelo clube também contribuía com a má fase. O presidente do clube, Luiz Gonzaga Belluzzo era pressionado pela oposição. Salários foram vazados e os jogadores sofriam com a pressão da torcida organizada Mancha Verde, que é ligada a alguns conselheiros do time. Os protestos dos torcedores abalavam os atletas, que não tinham o rendimento esperado.

Ao final do Campeonato Brasileiro, o Palmeiras ficou na quinta colocação, não conquistando nem a desejada vaga para a Libertadores. No início de 2010, Muricy continuou no comando do time para dar sequência ao seu trabalho, mas os problemas continuaram. O Campeonato Paulista foi complicado, o time já vinha com a pressão por resultados do último ano e para o jornalista Mauro Beting: "No Paulista de 2010 deu tudo errado, elenco enfraquecido, resultados pavorosos, ele não conseguia arrumar o time, não conseguia arrumar o elenco".

Muricy foi demitido antes do campeonato estadual acabar e sentiu a despedida: "Não imaginava ele chorando do jeito que ele chorou quando ele foi mandado embora em 2010. Eu acho que ele não esperava que aquilo fosse acontecer do jeito que aconteceu", lamenta o assessor do clube, Fábio Finelli.

Quando Muricy saiu do Palmeiras, sua família estava viajando. Seu empresário foi quem lhe fez companhia neste momento difícil: "Eu tenho um sítio em Vinhedo, fomos para lá, ficamos três dias fazendo churrasco, tomando cerveja, lembrando das nossas histórias do passado", conta Rivellino.

Após ficar um tempo de férias, Muricy aceitou

"EU ESPERAVA QUE ELE (RICARDO TEIXEIRA), COM UM SIMPLES TELEFONEMA, LIGASSE, E ELES IAM LIBERAR. MAS EU NÃO SABIA DESSA HISTÓRIA QUE O PRESIDENTE DA CBF TINHA BRIGADO COM O PRESIDENTE DO FLUMINENSE. EU NÃO ME ENVOLVO NESSAS COISAS"

MURICY RAMALHO

a proposta de assumir o Fluminense. Foi contratado em abril de 2010 e permaneceu até março do ano seguinte. "O Fluminense não tinha assim um grande time, não se investiu tanto como agora, mas tinha um ambiente muito bom", conta Muricy. Em julho, o treinador foi convidado pelo presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, para comandar a Seleção Brasileira. A proposta aconteceu quando Muricy havia assumido a liderança do Campeonato Brasileiro. O Tricolor Carioca já negociava inclusive com o técnico uma renovação de contrato por mais dois anos e uma valorização financeira.

Em um clube de golfe na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro, Muricy se reuniu com Teixeira e com o diretor de comunicação da CBF, Rodrigo Paiva, para ouvir os planos da Seleção Brasileira. Encontro que não foi bem visto por alguns jornalistas.

"O Ricardo Teixeira ligou meia noite, marcou com ele nove da manhã em um campo de golfe famoso, que tinha campeonato, para as pessoas verem. Acho que o próprio Muricy não sentiu muita confiança", alega Mauro Beting. O mesmo pensamento tem o comentarista do jornal Lance, Benjamin Back, que lembra da reação do treinador ao receber o convite: "Muricy não falou nada. Ele é um cara que geralmente honra seus contratos. Ele não sentiu firmeza".

Os jornalistas concordam também que Muricy teria dificuldades para trabalhar na Seleção: "Não sei se o Muricy teria jogo de cintura para aguentar muitas injunções, muitas vibrações e coisas erradas na CBF, no próprio futebol, na própria imprensa. Precisaria ter uma paciência maior do que ele tem", sugere Beting.

"Não sei como o Muricy dá certo no futebol porque ele é todo certo e no futebol é tudo errado. Então não sei se ele daria certo na Seleção", reflete Benja.

Esta é uma dificuldade que o técnico precisa enfrentar em seu dia a dia. "O futebol realmente é uma ilusão, existem pessoas boas, mas é um grande jogo de interesses então é muito perigoso", explica Muricy.

Segundo o treinador, sua ida para a Seleção não se concretizou porque ele não poderia deixar de cumprir seu compromisso com o clube que defendia e com as pessoas que confiavam nele. "Não tinha assinado ainda, mas tinha dado minha palavra".

O treinador, porém, acreditava em um acerto da CBF com o Fluminense: "Eu esperava que ele (Ricardo Teixeira), com um simples telefonema, ligasse, e eles iam liberar. Mas eu não sabia dessa história que o presidente da CBF tinha brigado com o presidente do Fluminense. Eu não me envolvo nessas coisas".

Em dezembro, Muricy conquistou com o Flu



Muricy recebe prêmio após a conquista da Libertadores 2011

o Campeonato Brasileiro, seu quarto título nacional na carreira, já que havia vencido três com o São Paulo. Após o título, Muricy valorizou sua equipe dizendo que fizeram a diferença, já que o clube não ofereceu uma estrutura física adequada de trabalho. Segundo o treinador em sua chegada, ele havia pedido que fossem feitos investimentos no clube, na estrutura oferecida aos profissionais, visando melhorias, como um rendimento maior, recuperação mais rápida de jogadores machucados, dentre outros objetivos da equipe. Porém, o acordo não foi cumprido. Tudo piorou quando houve uma troca na diretoria e pessoas de confiança do Muricy deixaram o time. Através de uma nota oficial, o treinador informou seu desligamento do clube. "As coisas não melhoraram e sai porque meu pensamento não bateu com o deles", justificou Muricy. Sua saída aconteceu de forma conturbada, tanto que o atual assessor de imprensa do clube carioca se recusou a indicar uma pessoa para falar com nossa reportagem sobre o treinador. Para o jornalista e comentarista Mauro Cezar Pereira, do canal de televisão ESPN, Muricy

deveria ter mantido seu compromisso mesmo com a saída das pessoas em quem o técnico confiava. "Ele tinha um compromisso com o Fluminense, o contrato dele é com o clube e com a torcida do Fluminense e não com uma pessoa".

Existem opiniões diversas sobre o assunto. "Acho que o Fluminense tem uma parcela de razão. Mas o Muricy diz que por uma série de coisas não dava mais e tal. É difícil falar", explica Benjamin Back.

Após sair do clube em março de 2011, o treinador resolveu que iria descansar, tirar férias e só depois pensar em seu futuro.

Quando Muricy chegou ao Santos, em abril do mesmo ano, o clube vivia um momento complicado. Sob o comando do treinador interino Marcelo Martellote, a equipe não estava bem nas duas competições que disputava, a Copa Libertadores e o Campeonato Paulista.

Na Libertadores, o Santos disputava a fase de grupos, com Colo Colo (Chile), Cerro Porteño (Paraguai) e Deportivo Táchira (Venezuela). Contra o Cerro Porteño no

Paraguai, já na quinta partida da fase inicial, um empate praticamente eliminaria o clube da competição. Nesse jogo, nomes santistas importantes estavam de fora, como Neymar, Elano e Zé Eduardo.

O jornalista e historiador do Santos, Odir Cunha, conta que: "O grande mérito do Muricy foi que ele chegou e conseguiu conscientizar o time da importância daquele jogo, armou um bom sistema defensivo e aí o Santos seguiu". Nesta partida, o Alvinegro venceu por 2 a 1, com gols de Danilo e Maikon Leite. Um resultado essencial para o clube seguir vivo na competição.

Entre os jogos decisivos da Libertadores, que a cada rodada ganhavam mais importância, em paralelo na disputa do Campeonato Paulista o Santos também avançava. Chegou até a grande final, disputando o título com o Corinthians, comandado por Tite.

Na final, a Vila Belmiro estava completamente lotada. Aos 16 minutos, Arouca abriu o placar marcando o seu primeiro gol na equipe praiana, desde a sua chegada. Segundo o jogador, Muricy foi essencial para a conquista:

“Ele é perfeccionista, exige sempre o melhor de todos, mas sabe também o momento de dar moral e confiança ao jogador. Acho que por isso é um cara tão vencedor. Dentro de campo, é aquele cara que gosta de dar treino, que estuda os adversários nos seus mínimos detalhes e é viciado em futebol”.

O segundo gol veio no final do segundo tempo, em falha do goleiro corintiano Júlio Cesar, Neymar aproveitou e ampliou o placar. Aos 41 minutos, do segundo tempo, Moraes cruzou e diminuiu para o time da capital, mas já não havia tempo para reação. Pelo placar de 2 a 1, o Santos garantiu seu 19º título Paulista.

Na decisão da Libertadores, Muricy enfrentou o time contra quem havia conquistado seu primeiro título na carreira: o Peñarol, superado na Copa Conmebol de 94, com o time de garotos do São Paulo que ficou conhecido como Expressinho. No Pacaembu, os meninos da Vila venceram por 2 a 1 e Muricy conta que a ansiedade foi grande antes da partida: “A semana da decisão foi muito dura, porque a responsabilidade era muito grande. Desde 62 que o Santos não ganhava esta competição”. Para diminuir o nervosismo e passar tranquilidade aos atletas, o treinador explica: “Procuro controlar a ansiedade me informando, vendo no que a equipe pode melhorar e é isso que procuro passar para os jogadores”. Muricy comemorou a conquista dando a volta no campo de mãos dadas com Pelé, o Rei do Futebol, mas antes disso com pessoas muito importantes para sua caminhada até o título.

Como seu auxiliar técnico, Mário Felipe Peres, o Táta: “A final foi um jogo muito importante e um pouco nervoso. O Muricy precisava muito desse título pelo que ele vinha tentando já há algum tempo. A gente deu um abraço quando terminou o jogo, que as reações foram sinceras, de amizade, de trabalho, companheirismo, parceria. Foi uma alegria muito grande. A volta do Pelé com o Muricy, também marcou muito”.

Segundo o assessor do clube, Fabio Maradei, a comemoração do treinador com os filhos e com os atletas também foi emocionante: “Eu vi a emoção dele com os filhos, ele foi para o alambrado, onde eles estavam, e foi um momento especial. Eu sabia que para ele era um negócio pessoal, que era uma questão de honra. Foi emocionante, quem estava ali acompanhando viu como foi, viu o carinho que ele tem pelos jogadores, o carinho que os jogadores tinham com ele, foi muito legal. Eu acho que foi o momento mais marcante pra vida dele”.

Em dezembro, seria a decisão do tão aguardado Mundial de Clubes. Os meninos da Vila enfrentariam o poderoso Barcelona, do craque Lionel Messi. A expectativa da torcida era grande, apesar da notável superioridade do time espanhol. O que ficou claro na partida. O jovem time de Muricy não teve chance. Foi goleado por 4 a 0 pelo Barcelona. “Acho que o nosso time respeitou demais o Barcelona, nossos moleques sentiram. O time deles é muito superior, pois possuem um investimento enorme”, explica Muricy.

A GENTE DEU UM ABRAÇO QUANDO TERMINOU O JOGO, QUE AS REAÇÕES FORAM SINCERAS, DE AMIZADE, DE TRABALHO, COMPANHEIRISMO, PARCERIA”

TÁTA

Para o jornalista Odir Cunha, Muricy não preparou bem o time para a decisão: “Ele teve culpa no aspecto tático e no aspecto emocional, ele não preparou o time para uma batalha, para o jogo mais importante da vida. O Santos jogou aquele jogo que era o mais importante pra carreira de todos aqueles atletas como se fosse um treino, como se fosse uma seção de autógrafa do time do Barcelona”.

Segundo o comentarista de televisão do canal ESPN, Mauro César Pereira, Muricy além de falhar na preparação da equipe, errou no esquema tático escolhido para o jogo: “Eu acho que ele não conhecia profundamente o Barcelona, demonstrou isso antes do mundial e especialmente lá quando mudou a maneira do time jogar, colocou o time com três zagueiros o que quase nunca fazia. Foi um erro porque o Barcelona não tem um centroavante, então com três zagueiros, o Santos esvaziou seu meio campo e o Barcelona ficou mais a vontade. O que eu esperava do Santos é que conseguisse dificultar as coisas minimamente. O time não tomou de oito porque o Barcelona parou. Se o Barcelona tivesse raiva do Santos, não parasse de jogar, faria mais gols e seria mais vergonhoso ainda”.

Mesmo após a goleada, a diretoria do Peixe não criticou Muricy e o manteve na equipe para o ano seguinte. Segundo o treinador, sua forma de trabalhar se encaixou perfeitamente no Santos: “Eles possuem um comitê de gestão e a maioria mora em São Paulo. O presidente fica mais na Vila, vem pouco aqui (no Centro de Treinamento). Porque acreditam nos profissionais que contrataram”.

O ano do centenário do clube, 2012, começou como o anterior, com a conquista do Campeonato Paulista – o Tri. A final desta vez aconteceu no Estádio do Morumbi, para que mais torcedores pudessem estar presentes. Na decisão, o Peixe enfrentou o Guarani,

de Campinas e com uma goleada de 4 a 2 confirmou seu favoritismo.

Na Libertadores, o Santos precisou dos pênaltis para conseguir se classificar para a semifinal da competição. Nas quartas, o Velez Sarsfield, da Argentina, havia vencido o jogo de ida por 1 a 0 e o Peixe devolveu o placar jogando em casa. Nos pênaltis, vitória por 4 a 2.

Na semifinal, o Peixe teria pela frente um rival paulista, o Corinthians. Novamente o palco da decisão foi o Estádio do Pacaembu, mas dessa vez o mando e consequentemente a maioria dos torcedores, eram do adversário. Após um empate por 1 a 1, com gols de Neymar e Danilo, o Peixe acabou eliminado da competição, já que havia perdido o primeiro jogo da final por 1 a 0 na Vila, com gol de Emerson Sheik.

Após se despedir da Libertadores, o Santos tentava reagir no Campeonato Brasileiro. Porém, o time já não era o mesmo do ano anterior, alguns jogadores deixaram a equipe, como Alan Kardec e Renteria, além também de

ter jogadores convocados frequentemente para a Seleção Brasileira. Os craques Neymar, Paulo Henrique Ganso e Rafael foram chamados por Mano Menezes para as Olimpíadas de Londres. Sendo que o goleiro nem chegou a atuar, pois se lesionou durante o treinamento.

Devido à Olimpíada, Muricy ficou sem seu principal atacante por oito jogos, sem contar os amistosos que também desfalcaram a equipe. A dependência do clube por Neymar ficou evidente com os maus resultados do clube quando não possuía o jogador. “Quando o Santos não tem Neymar, não há uma estrutura tática. O pessoal brinca, a tática é joga a bola para o Neymar. O Santos no Campeonato Brasileiro, se você pega a média de pontos com o Neymar, o time seria o líder e a média de pontos sem ele estaria no rebaixamento”, explica o jornalista Odir Cunha.

O comentarista Mauro Cezar reforça este pensamento: “O time que ele treina é muito dependente do Neymar e ele não tem

apresentado muitas saídas, alternativas, soluções. O Muricy precisa mostrar que consegue montar o time de diferentes formas”.

Mesmo sendo criticado pela atual fase do Santos no Campeonato Brasileiro, Muricy segue firme na equipe, com o apoio da diretoria, apesar de estar sempre pedindo reforços publicamente em suas coletivas de imprensa. Em setembro, a conquista da Recopa Sul-Americana (vitória por 2 a 0 sobre a Universidad do Chile, no Pacaembu), deu novo fôlego ao treinador. Foi o segundo título do clube no ano do centenário.

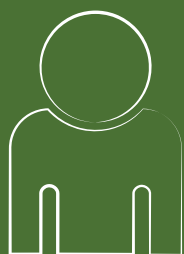
Após seu quarto título no Santos, em pouco mais de um ano, Muricy definiu de forma simples e direta a importância da conquista. “Vivemos de títulos”. Ao ser perguntado sobre o que mais gosta na profissão, Muricy não precisou pensar. “Ganhar. É o combustível de quem trabalha no futebol”. Assim, vencendo, o treinador segue escrevendo sua trajetória.

Ivan Storti



Muricy e Táta comemoram a conquista da libertadores

LINHA DO TEMPO



1994 - 1996

O jovem treinador Muricy começava sua carreira comandando o time de juniores do São Paulo que ficou conhecido como Expressinho

Títulos: Copa Conmebol de 1994 e Copa Master da Conmebol de 1996

1997

Após não ser efetivado no São Paulo, Muricy deixou o clube e passou um ano no Guarani, de Campinas.

1998

Até na China é campeão! Foi um período difícil. Muricy teve que ficar longe de seus filhos e se adaptar a uma nova cultura, comida diferente, costumes novos.

Título: Copa da China de 1998

1999 - 2000

Ao voltar para o Brasil, Muricy fez um giro por pequenos clubes do interior de São Paulo. Passou pelo Ituano e pelo Botafogo. Foi chamado então por seu amigo Tatá para a Portuguesa Santista.

2001 - 2002

Um título marcante. O Náutico estava em crise. Salários atrasados e estrutura precária. Mas a união do grupo formou um time campeão. Fim do jejum de títulos. Após o Pernambucano, Muricy passou pelo Figueirense, antes de se transferir para o Internacional, de Porto Alegre.

Título: Campeonato Pernambucano, de 2001 e 2002.

2003

Colorado em crise. Muricy chega ao Rio Grande do Sul, ninguém o recebe no aeroporto e nem mesmo é levado para um hotel. História que hoje é lembrada aos risos, mas que reflete a fase difícil que o clube vivia.

Título: Campeonato Gaúcho de 2003



2004

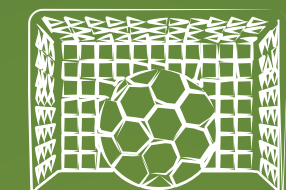
Mais um estadual. Sem ser favorito, o São Caetano surpreendeu. Com Muricy venceu o Paulistão.

Título: Campeonato Paulista de 2004

2005:

De volta ao Internacional, a situação do clube havia mudado bastante e para melhor! Em sua chegada, desta vez, Muricy foi muito bem recebido e levado ao presidente do clube, que queria muito seu retorno.

Título: Campeonato Gaúcho de 2005



2006 - 2007 - 2008

Tricampeão Brasileiro de forma consecutiva com o São Paulo. Mas na Libertadores, ficou sempre pelo caminho, o que o fez ser demitido mesmo após tantas conquistas.

Título: Campeonato Brasileiro de 2006, 2007 e 2008.



2009

Do São Paulo para o rival Palmeiras. Crise política. Oposição contra o presidente. Maus resultados. Protestos da torcida. Definitivamente um ano sem brilho.

2010

Convite para a Seleção Brasileira negado e mais um Campeonato Brasileiro, desta vez com o Fluminense, do Rio de Janeiro. Muricy não aceitou o convite da Seleção para cumprir seu contrato com o clube carioca, mas ao final da temporada pediu demissão devido à troca de presidente do time e promessas não cumpridas.

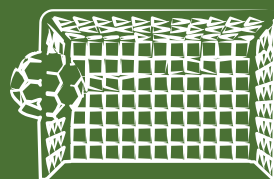
Título: Campeonato Brasileiro de 2010



2011 - 2012

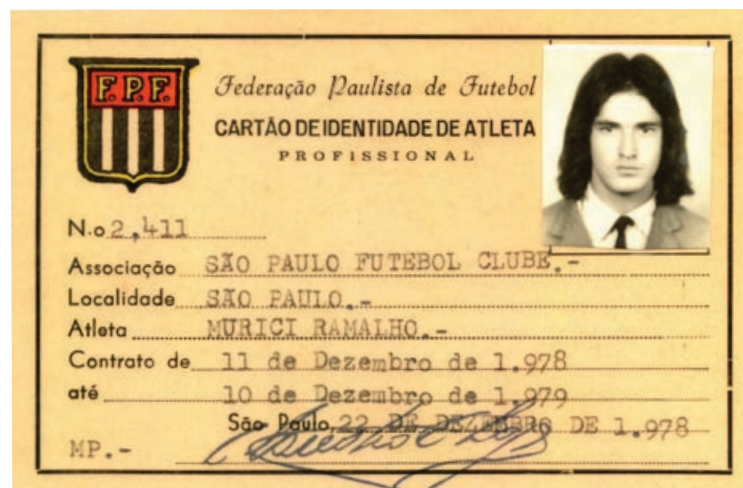
Campeão da América, finalmente! São quatro títulos em menos de dois anos no Santos. Além da Libertadores, dois Campeonatos Paulistas e a Recopa Sul-Americana.

Títulos: Campeonato Paulista e Libertadores de 2011, Campeonato Paulista e Recopa Sul-America de 2012



PAIXÃO DE BERÇO

O INÍCIO DE MURICY NO FUTEBOL ACONTECEU MUITO ANTES DE SUA DECISÃO PELA PROFISSÃO DE TREINADOR. NOS ANOS 70, ERA UM MEIA HABILIDOSO E DAVA TRABALHO AOS ADVERSÁRIOS.



Arquivo Histórico do São Paulo



Arquivo pessoal



Arquivo Histórico do São Paulo



Arquivo pessoal

Um garotinho de cabelos compridos joga bola com seus amigos em uma rua da capital paulista. Da janela, uma garota o observa. Nasce uma paixão que se estenderia por anos e anos. Ou melhor, duas paixões. A do garoto pela bola. E também a da pessoa que conquistou seu coração e o acompanharia por toda sua vida. “Quando comecei a me interessar por ele não sabia nada de futebol, mas como gostava dele, ficava ouvindo os jogos pelo radinho”, conta a esposa de Muricy, Roseli.

Um adversário do menino nos jogos, anos depois se tornaria seu fiel companheiro. “Morávamos perto do estádio do São Paulo. Nossa diversão era jogar futebol na rua. Jogávamos um contra o outro. Depois de muito tempo nos tornamos amigos”, conta Mario Felipe Peres, o Táta, auxiliar técnico de Muricy atualmente.

Ainda garoto, Muricy começou sua carreira no São Paulo. “Quando eu tinha nove anos, um tio que gostava de futebol me viu jogar e me levou para uma escolinha do São Paulo. Pouco a pouco fui passando pelas categorias de base até chegar ao time profissional”.

“EU DIRIA QUE NAQUELA GERAÇÃO ELE ERA UM REBELDE. UM REBELDE DE CABELO COMPRIDO E DE UM TALENTO MUITO GRANDE.

EMERSON LEÃO

Seu auge no futebol aconteceu em 1975, quando o habilidoso meia-direita conquistou com o São Paulo o Campeonato Paulista. “Foi uma das maiores campanhas da história do São Paulo. O Muricy era um excelente jogador e ajudava muito lá na frente os centroavantes. Ele participou de muitos dos gols que marquei”, conta o ex-centroavante Serginho Chulapa.

“Eu diria que naquela geração ele era um rebelde. Um rebelde de cabelo comprido e de um talento muito grande. E ele transformou esse talento de jogador para treinador. Ele pertencia ao São Paulo e eu ao Palmeiras, nós jogávamos sempre, éramos dois jovens buscando o sucesso, o reconhecimento. Nós éramos parecidos na maneira de trabalhar e de contestar. Somos até hoje”, conta o técnico Emerson Leão.

Um ano antes do título estadual, Muricy havia sido chamado para fazer parte do elenco sub 20 da Seleção Brasileira que venceu de forma



Muricy quer voltar sem pressa, sabendo que Minelli o considera titular. Sabendo, também, que precisa recompensar o que o São Paulo fez.

OSÉ PINTO

A alegria do 1.º gol, contra o Marília.

Após ficar um ano parado devido à uma lesão, Muricy volta a jogar no São Paulo
Revista Placar 15/12/78

inédita o Sul-Americano de 1974. “Eu precisava de um jogador como ele, ofensivo e com bons passes”, conta o treinador que o comandou nesta época, José Teixeira.

Seu ex-técnico lembra que Muricy foi um dos destaques do time na competição: “Ele foi o craque do campeonato, escolhido como o melhor jogador. Tivemos esse privilégio de contar com o melhor jogador do campeonato no nosso time”.

Em 77, Muricy era apontado como um nome forte para a Seleção Brasileira que iria disputar a Copa do Mundo no ano seguinte, na Argentina. Porém, uma contusão atrapalhou o futuro do craque: “Infelizmente tive uma contusão no joelho muito séria e naquele tempo a operação era muito complicada. Fiquei quase um ano sem jogar”, lamenta Muricy.

“Se não fosse a contusão, ele teria ido para a Seleção. Para a Copa do Mundo de 78. Não tenho a menor dúvida, pois estava em uma fase extraordinária”, conta Serginho Chulapa.

Durante este período, Muricy não deixou de acompanhar o São Paulo. Assistia a todos os jogos e quando podia ia também ao estádio. Foi o modo que encontrou de participar do time, mesmo estando afastado. “Mantivemos contato com ele. Já éramos amigos e nossa turma era assim de muita amizade. Estávamos direto com ele, para dar força”, conta Chulapa.

Quando voltou a jogar, Muricy tinha 23 anos. Estava com o cabelo mais curto e em seu peso ideal, 67 quilos. Contava com o apoio do técnico Rubens Minelli para recuperar sua boa fase. “Porém seu rendimento não era mais o mesmo. Depois de atuar por mais um ano no clube, Muricy foi vendido para o Puebla, do México. Teve um começo difícil, ainda era jovem e por um tempo ficou no banco de reservas. Mas com o tempo, foi conquistando seu espaço. “Ele era um cara que comandava. Ele batia falta, escanteio, era o dono do time. Todos tinham muito respeito por ele”, conta Parraro Coltri, companheiro de Muricy no Puebla.

Em 75, Muricy vivia seu auge como jogador e era cotado para a Seleção Brasileira

Revista Placar
24/10/75

é aspirante sério à Seleção.

ta, mas não tinha outra saída, embora na época o negócio fosse assim meio inconsciente. Eu precisava mostrar meu jogo. E como mostrar? Ficando o maior tempo possível com a bola no pé, em prejuízo do time. É, acho que amadureci.

(O velho massagista Guido: “Puxa, como o Muricy mudou! Parecia um bicho do mato, não gostava de falar com ninguém. A gente dava bom dia e ele virava a cara. Hoje é um menino educado”.)

— Claro, tenho habilidades, sei fazer umas coisas com a bola. E às vezes me dá uma bruta vontade de mostrar categoria e preciso me esforçar para deixar essa idéia de lado. O meu Zé sempre insiste para que eu jogue simples, sem enfeites. Eu procuro, eu procuro. Mas tem horas que, se a jogada sai bonita, a culpa não é minha. É consequência da própria jogada, como naquele gol contra o Santos, no Campeonato Paulista, quando o Rocha deixou passar a bola entre as pernas e os beques ficaram imóveis, sem saber direito o que acontecia. Conheço minhas limitações e quero corrigilas. No juvenil eu batia faltas. Agora estou treinando de novo. E já cobro algumas. De perto, é com o Rocha. Mais de longe, vai ficar comigo, porque à meia distância chuto forte, rente à barreira, e fica meio difícil pro goleiro pegar. Contra o Fluminense, quase que eu marco. Treino todo dia isso. Também treino com o pé esquerdo, porque hoje em dia um jogador não pode chutar só com o direito. E ainda treino cabeçadas e marcação. No fim, lógico, ainda canso. Mas é que eu corro muito. Esse problema se resolve com o tempo. Daqui a uns dois anos, estarei mais forte e agüentarei melhor o tranco de uma partida. Neste ano encorpei bastante. Entrei pro time com 64, estou agora com 68 quilos. Outra coisa: no começo eu sentia mais facilidade em campo, porque me deixavam jogar. Hoje em dia tem sempre um me seguindo. Não é fácil pro marcador, porque eu me mexo bastante, pros dois lados, o tempo todo. Eu caía muito para a direita e era mais fácil me marcar por zona. O meu Zé me ensinou a importância de cair para a esquerda. E, quando desenvolver melhor o físico, me deslocarei mais.

(O preparador físico Leonindo Rigo: “É verdade, o Muricy tem caído depois dos 25 minutos do segundo tempo. Eu lhe dei uns conselhos, para que não entre em frias e se cuide, porque ele é muito jovem e precisa aproveitar todo seu potencial físico, que é grande”.)

— Substituto do Rocha, essas coisas, eu não sei. Eu não me acho. Sou, sim, uma peça importante do time. Isso quem me colocou na cabeça foi o próprio meu Zé. Você precisava ter visto a preleção que ele fez antes do primeiro jogo do Campeonato Paulista. Foi muito bonita, contagiou a gente. Ele disse que o São Paulo chegava a todas as decisões, mas acabava não ganhando. Não por medo, por receio, mas porque a gente se achava inferior aos outros. Aí ele explicou que nós éramos iguais e nós então acreditamos naquilo e prometemos pra ele que seríamos campeões e fomos mesmo. Essa preleção eu não esqueço, foi antes da partida com o Paulista, fiz até um gol naquele dia. Ele nos deixou muito unidos. Um realmente ajuda o outro, é como se fosse uma coisa só. Quando alguém se machuca, que nem o Chicão se machucou domingo, o time inteiro sente.

(O técnico Poy: “No futebol atual, em que não existe nenhum time de nível bastante superior aos outros, como o grande Santos de Pelé, uma equipe de luta, garra e brios, capaz de dar seu sangue, leva uma grande vantagem sobre as outras”.)

O chato da fama

— Um troço chato: hoje em dia me reconhecem muito na rua, em qualquer cidade que a gente vai jogar. No aeroporto, acontece muito isso. As pessoas passam perto de mim e ficam olhando, como se eu fosse um objeto estranho. Eu me sinto mal, chego a ficar vermelho de vergonha. Sou muito tímido e fechado. Estou contando esses negócios pra você, mas é difícil eu desabafar. Mudei um pouco, está certo, porque ganhei confiança em mim mesmo e, para falar a verdade, me acostumei a dar entrevistas por aí. Eles perguntam, então eu tenho que responder. Mas dificilmente respondendo o que eles esperam, fica um negócio um tanto sem graça, sabe, e aí quando sai eu nem leio. Eu me abro às vezes, como agora, ou lá em casa, com o pessoal que é meu amigo, o Colonezi, o Bassi, o Vítor Hugo, o Ministrinho (companheiros do dente-de-leite), o Mário, o Américo, o Tadeu. Nas férias passadas, ficamos muito tempo juntos e eles me lançaram um desafio. Ninguém entendia — pelo menos diziam que não entendiam — como eu não conseguia entrar no time e aquilo me amargurava muito. Resolvi enfrentar a parada. “Agora vocês vão ver o que vai acontecer”, eu disse. “Vou entrar nesse time pra não sair mais”. Ou então: “Vem aí o Muricy 75”. Eu fingia que estava brincando, o pessoal levava meio na gozação, só que eu não estava brincando e nem era gozação. Era sério e está dando certo, não está?

— Como se o Moji ainda precisasse perguntar.

Carlos Maranhão

ESPN

ESPN
BRASIL

ESPN+

Os maiores eventos esportivos do mundo estão nos canais ESPN, também em HD!

Mais de 70 de jogos ao vivo dos campeonatos de futebol mais importantes do mundo: UEFA Champions League, Campeonato Espanhol, Campeonato inglês, entre muitos outros.



FUTEBOL